

## ASPECTOS LINGUÍSTICO-CULTURAIS NA RELAÇÃO COM O OUTRO: CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE SUJEITOS EM SITUAÇÃO DE RUA

Maria José CORACINI<sup>26</sup>

### RESUMO

Parte de uma pesquisa, apoiada pelo CNPq, sobre a construção da identidade de sujeitos em situação de exclusão (moradores de rua) no Estado de São Paulo, esta comunicação pretende apresentar resultados parciais da análise discursiva das narrativas orais (histórias de vida) de vinte sujeitos, no que diz respeito aos modos de endereçamento e de referência. Como toda narrativa, a história de vida é, ao mesmo tempo, história e ficção (COSTA, 1988): contada *a posteriori*, é sempre interpretação e esta é sempre violência (FOUCAULT, 1965), no sentido de que o tempo e o espaço transformam o texto interpretado, além do testemunho factual. Feita a coleta das narrativas, gravadas em áudio, tanto na rua quanto em um abrigo diurno, procedeu-se à transcrição e à análise, com base na orientação discursivo-desconstrutivista, centrada no pensamento de Bakhtin e Foucault (discurso, relações de poder e agenciamentos), de Derrida (problematização do pensamento dicotômico racionalizante) e de Freud e Lacan (sujeito – descentrado, inconsciente – e identidade). Resultam da análise marcas linguístico-discursivas, rastros de si e do outro na materialidade do dizer, encontrando-se, com frequência, formas indeterminadas de referência a si e ao outro: terceira pessoa para falar do outro (e de si), quando envolve drogas, álcool ou violência nas ruas ou, ainda, quando se refere a passantes que, de certa forma, detêm o poder na sociedade, sem, no entanto, nomeá-los; primeira pessoa (eu), para emitir opinião pessoal sobre o governo ou sobre o que a sociedade poderia fazer por eles, repetindo o que ouvem como verdades, eximindo-se, porém, de responsabilidade. Com relação às formas de endereçamento, observa-se, dentre outros, o uso frequente de “a senhora”, cujo efeito de sentido é de distanciamento: neste caso, marcado por relações de poder. Nos demais, o efeito de distanciamento ocorre entre o enunciador e o outro (ausente) – moradores de rua ou passantes, que, em geral o desprezam, mas cuja presença – ainda que imaginária – constroi neles e deles representações, que constituem sua identidade – sempre vinda do outro (DERRIDA, 1996), imaginária e ilusória, que deixa traços indelévels na subjetividade de cada um.

**PALAVRAS-CHAVE:** discurso; exclusão; sujeito; identidade; interpretação.

---

26 Unicamp-IEL/DLA, [coracini.mj@gmail.com](mailto:coracini.mj@gmail.com)

Este texto se insere numa pesquisa, apoiada pelo CNPq, sobre a identidade de sujeitos em situação de exclusão, dormindo nas ruas de Campinas (SP), Brasil. O objetivo principal é compreender, a partir da materialidade linguística, como esses sujeitos, chamados moradores de rua, se representam – que imagens têm de si mesmos (ou seja, como constroem a sua identidade), as diferenças entre essas representações ou imagens e as representações do outro (interlocutor, transeuntes e companheiros de rua), considerando que o que se pensa de si vem, de certo modo, do outro (vemo-nos pelo espelho do olhar do outro, como diria Lacan).

Tal como considera Bakhtin (1979 [1992, p.388]), “o ego está escondido no outro, nos outros, quer ser o outro para outros, estar no mundo dos outros como o outro, rejeitar seu eu no mundo (o-eu-para-mim)”, daí o ressentimento daqueles que vivem em situação de rua por serem rejeitados pela família ou pela sociedade hegemônica que os chama de “vagabundos”, excluindo-os, tornando-os invisíveis, apagando-os: “Não sou nada”, frase enunciada por alguns dos participantes de pesquisa.

Foucault (2001), em sua obra intitulada *Os Anormais*, define como anormais os excluídos, marginalizados, discriminados na sociedade, que ele reúne em três grupos em três contextos diferentes: 1) anormais são as pessoas que têm “defeitos” físicos, anomalias biológicas – monstros (contexto biológico); 2) anormais são os incorrigíveis (contexto social); 3) anormais são os masturbadores que são mais numerosos do que os outros dois grupos (contexto: familiar).

Interessa-nos focalizar o segundo grupo, já que os participantes de nossa pesquisa são considerados incorrigíveis pela sociedade hegemônica. Os incorrigíveis se situam no entre, no hífen – entre o corrigível e o incorrigível: “o que define o indivíduo a ser corrigido é que ele/ela é incorrigível” (FOUCAULT, 2001, p.73). Por ser incorrigível, cria-se “um certo número de intervenções educativas e corretivas e superintervenções em relação às técnicas educativas familiares e cotidianas”. Desse modo, técnicas são construídas e aplicadas.

No caso dos moradores de rua, foram criadas, em São Paulo, ONGs, como a ONG da sopa e os Anjos da Noite, que levam comida e roupas de inverno aos moradores de rua, tarde da noite. Abrigos são criados, alguns funcionam dia e noite, outros, só de dia, empregando psicólogos, assistente social, com o apoio da prefeitura ou de movimentos religiosos, na tentativa de promoverem nos chamados moradores de rua o desejo de voltarem para a família, para a sociedade, assumindo a responsabilidade de suas vidas. A estrutura de apoio conta com a família, com a escola, com oficinas,

com a vizinhança, com a paróquia, com a polícia. Este é o espaço que abriga os indivíduos a serem corrigidos (FOUCAULT, 2001, p. 72).

Queremos, no entanto, dar voz aos (in)corrigíveis, na busca efeitos de sentido que indicam representações ou imagens de si e do outro; é o que pretendemos rastrear compreendendo que “expressar-se significa tornar-se um objeto para o outro e para si” (BAKHTIN, 1992, p. 337). Essa tentativa de objetificação promove uma certa distância de si, o que permite um olhar diferente, de outro modo impossível, como um meio de se interrogar, se possível for, de organizar suas observações e experiências, “de modo a encontrar uma resposta” (BAKHTIN, 1992, p. 341) para si (mais do que para o outro).

### **Procedimentos de pesquisa**

Em primeiro lugar, vale notar que a maioria dos participantes de pesquisa são semiletrados, embora tenhamos entrevistado vários escolarizados, alguns dos quais haviam até mesmo cursado o ensino médio ou até mesmo o primeiro ano de universidade.

O baixo nível de educação e a classe social em que se encontra a maioria dos participantes explica a linguagem usada, sempre atravessada por aspectos culturais que os distinguem das classes hegemônicas da sociedade brasileira; basta dizer que a maioria deles vivia, antes da rua, em favelas e/ou na periferia das grandes cidades.

Os registros foram produzidos a partir de histórias de vida, incentivadas pelo seguinte enunciado: “Eu gostaria que você falasse de sua vida na rua, como você foi para a rua, enfim, tudo o que você considerar importante para que o(a) conheçamos melhor e conheçamos melhor o que significa viver na rua”. Como toda narrativa, a história de vida é história em dois sentidos: história ficção e história factual, já que contar a história de alguém ou nossa própria história é sempre “inventar”, interpretar e, ao mesmo tempo, testemunhar. Além disso, acreditamos que falar de si para alguém permite o auto-conhecimento, permite construir-se uma identidade, que, embora ilusória, é imprescindível, podendo, ainda, levar o sujeito a livrar-se de seus traumas, sobretudo quando, raramente ou nunca, se é ouvido. Depois de gravadas em áudio, as narrativas são transcritas, o que, obviamente, traz modificações ainda que sejam apenas aquelas decorrentes da paralisação da vida, do movimento, e da própria transcrição que exige sempre interpretação. A seguir, os relatos são analisados.

No que diz respeito aos aspectos filosóficos que orientam nosso olhar e nossa interpretação, postulamos a abordagem discursivo-desconstrutivista, baseando-nos, dentre outros, em Foucault (1969; 1971; 1976; 1979), sobretudo no que diz respeito a noções como formação e prática discursivas, relações de poder-saber, verdade dentre outras; Bakhtin (1992), com a noção de polifonia que orientou Authier-Revuz (1998) a postular a heterogeneidade enunciativa); Derrida (1972) com a desconstrução, problematização da racionalidade ou do logocentrismo, questionando a herança epistemológica da cultura ocidental, ancorada nas oposições dicotômicas hierarquizantes e excludentes; e, por fim, a psicanálise freudo-lacaniana, sobretudo no que diz respeito à noção de sujeito do inconsciente, identidade como conjunto de representações ou imagens de si e do outro, ilusão de completude, que provem do outro e se oferece ao outro.

As representações que constituem o imaginário – instância da aparência, das identificações com o outro, que possibilitam ao sujeito se adequar ao que querem dele para que ele agrade ao outro, para que seja o desejo do outro, instância onde é construída a identidade: ilusão de totalidade, coerência e controle – são imagens subjetivas de si e do outro, construídas a partir do espelho do olhar do outro, que se deixam flagrar na materialidade linguística. Desse ponto de vista, importa observar, no dizer dos participantes de pesquisa, as instâncias enunciativas ou os pronomes usados (eu, ele/ela, eles...) – e os efeitos de sentido que daí resultam, dentre os quais o testemunho, ao qual retornaremos adiante –, o vocabulário, hesitações, interrupções, a heterogeneidade enunciativa ou, de acordo com Bakhtin, a polifonia, entendida como pluralidade de vozes, para depreender da materialidade linguística as auto e hetero-representações.

Passemos, então, a alguns resultados de pesquisa, pautados no que se denomina “linguagem de rua”, que por si só faz emergir representações ou imagens de si e do outro que habitam o imaginário dos participantes.

## **LINGUAGEM DE RUA E REPRESENTAÇÕES**

O simples fato de viverem na rua, em condições outras, em contato com colegas, migrantes de várias regiões do país – interior de São Paulo, norte, nordeste, do Rio de Janeiro (estado que faz fronteira com São Paulo), da capital etc. – torna os participantes

de pesquisa, mais refratários a mudanças que se manifestam no dizer, que, por sua vez, aponta para aspectos culturais em transformação. Neste item, apontaremos as características mais relevantes que denunciam a situação em que vivem, como (in)correções gramaticais, jargão, pausas.

#### **a) (in)correções gramaticais**

É frequente o uso de palavras no plural sem a desinência – por exemplo, “os policial” -, o uso de verbos sem terminação de pessoa ou sem concordância verbal – como “nóis vai”, “a gente somos”, “eles pensa”, “eles bebe e fica junto” -, o uso de gíria e do jargão de rua, que constituirá o próximo item. Essas formas do dizer são comuns no falar do povo, sobretudo nos menos letrados e, portanto, só constituem erros ou incorreções para os brasileiros letrados, que reconhecem aí marcas das condições sociais em que vivem essas pessoas (no campo, na rua, na periferia...).

#### **b) Jargão**

O uso do jargão, bem como das chamadas incorreções gramaticais, orientam, como dissemos, para o reconhecimento de que os participantes de pesquisa, no caso em questão, pertencem a um grupo social particular – os moradores de rua –, o que concede ao falante um lugar sem lugar, um não lugar como descreve Marc Augé (1995 [2007]): o não lugar corresponde àquele espaço em que não se faz história, não se criam raízes, como o mercado, um aeroporto, a rua para nossos participantes que são compelidos a uma vida nômade, para não serem perseguidos pela polícia ou por outros companheiros de rua ou transeuntes, embora muitos tracem seus roteiros (“hoje, vou dormir na frente da catedral, amanhã na rodoviária, depois, no bairro x ou y”). Se não podem ocupar o espaço verticalizado das construções – casas, edifícios, bancos de jardim... –, ocupam o espaço horizontal, que é de todos e de ninguém.

Assim, o jargão, ou melhor, a linguagem de rua contribui para a construção de uma identidade, ainda que esfacelada e ilusória, que corrobora o enunciado: “eu não estou sozinho; há outros como eu por aí; falo como eles e com eles”. Observem-se alguns exemplos dessa linguagem:

**Renato:** eu não julgo também / ‘cê passa pela igreja lá pela catedral está cheio de gente mesmo jovens forte / todo mundo segurando uma corotinha

que é uma merda de pinga todo mundo usando essa droga e eles ainda pensa que eles são: como se diz / então eles fala: ei você ladrão

P: o que você disse cora:tinga?

R: Corotinha é uma garrafa pequena de plástico como essa... pinga [...] eles bebe lá e fica junto em rodinha / certo? / eu não gosto de rodinha e não fico em rodinha é dois três que fala um co'outro então eles fala de drogas de fute eu não gosto de rodinha

**Célio:** Eu bebia / eu bebi mas a bebida estava sempre em meu carrinho de supermercado [...] no carrinho ou na mochila / era água mineral eu misturava / era paizano com pinga na mochila [...] então quando o polícia pedia abre a mochila aí / então eu nunca nunca fui empurrado por um polícia por alguém [...] então é isso / ahn // a rua uma pessoa que está na rua / o polícia chega / é o polícia pede pra ir embora com calma

Observem-se os termos: “corotinha” e “paizano com pinga”, bebidas alcoólicas baratas, comuns entre os chamados moradores de rua, disfarçadas pela garrafa de água mineral e pelo carrinho de supermercado, onde essa bebida não é comercializada. Observe-se, ainda, a denegação no dizer de Célio: “eu nunca nunca fui empurrado por um polícia por alguém”, em que a repetição (nunca nunca) reforça a denegação ou melhor a possibilidade de ele também ter sofrido a violência da polícia. De forma semelhante, a crítica que Renato faz aos companheiros de rua que bebem “corotinha” em grupinhos conversando sobre a vida dos outros: “eu não gosto de rodinha e não fico em rodinha é dois três que fala um co'outro então eles fala de drogas de fute eu não gosto de rodinha”. A palavra “fute” (no lugar de “futebol”) também pertence ao jargão de rua.

### **c) Pausas**

Ainda parte das formas de expressão, as pausas [interrupções] na fala são muito frequentes e apontam para a dificuldade que os participantes têm de escolherem a palavra certa, ao falarem de si, evocando momentos de fortes emoções tal como a infância, quando foram estuprado(a)s, quando apanharam de seu pai ou quando sua mãe, amada ou não, os(as) deixou: “Eu não quero falar a respeito disso // tenho vergonha”, disse Norma, uma participante que fora abusada sexualmente quando criança; por ser negra – seu pai era negro –, nunca foi à escola como as suas meio-irmãs brancas: sua mãe a discriminava e, por isso, aconselhou-a a se prostituir: ela só servia

para isso; a prostituição era seu destino. Outras vezes, as pausas denunciavam a tentativa de escolha das palavras “certas”, evitando, assim, dizer o que não quer.

#### **d) Interrupções na narrativa**

A fala desorganizada, não-linear, entrecortada por pausas ou por assuntos que escapam ao tema central da conversa, retornando a explicações previamente interrompidas, indica, em muitos casos, a falta de hábito de se auto-narrar ou de ser ouvido(a), o mutismo em que vivem seu dia-a-dia, as consequências neurológicas do uso frequente de álcool ou de outras drogas. Mas isso aponta também para a não-linearidade da memória que é feita de lampejos, fragmentos do passado, sempre incompleta.

#### **e) Formas de endereçamento**

Os chamados moradores de rua frequentemente falam de si na terceira pessoa, sobretudo quando narram crimes, falam do vício das drogas ou álcool, isto é, quando se referem a algo que poderia comprometê-los. Provavelmente, essa é uma estratégia inconsciente de auto-proteção. Foi possível notar que, quando a entrevista se dá no abrigo, é mais frequente o uso da primeira pessoa (eu) do que quando se trata de entrevistas na rua, provavelmente por causa do entorno, que lhes dá mais segurança, sem a presença de pessoas desconhecidas que poderiam ouvir e denunciá-los ou, mesmo, de policiais. Entretanto, em geral, eles usam a primeira pessoa especialmente quando expressam sua opinião sobre alguém ou algum fato (Ex: “na minha opinião...”; “eu acho...”).

Além disso, hesitações e momentos de silêncio tanto quanto o uso de verbos modais com o pronome de tratamento em sua forma de indeterminação “você”, isto é, qualquer um (você pode, você precisa fazer..., tem que...) podem ser interpretados como modos (inconscientes) de se descomprometer, evitando um engajamento pessoal com relação ao que está sendo dito.

Mas, eles também se referem ao outro, detentor do poder, àquele que passa pela rua e não os olha ou vira o rosto, tampa o nariz ou lhes dirige palavras ofensivas, grosseiras, na terceira pessoa do plural (“eles”) sem nomeá-lo(a).

É curioso também observar que, enquanto a pesquisadora se dirige aos participantes servindo-se da forma de tratamento “o Sr ou a Sra, eles evitam se dirigir a ela através de formas de tratamento, talvez como uma estratégia inconsciente de manter

distância (efeito de sentido de relações de poder). Assim, raramente, o entrevistado(a) se endereça ao entrevistador usando as formas de tratamento mais comuns “senhora” (Ex.: a senhora pode ver que...) ou “você”. “Você” é frequentemente usado como índice de impessoalidade, significando “todos; qualquer um”, como vimos acima. É interessante notar que, nesse contexto, relações de poder entre entrevistado e entrevistador são visíveis não somente na aparência, que se vê reforçada pela roupa, embora a pesquisadora procure vestir roupas simples, mas sobretudo pela linguagem em uso: o pesquisador faz uso da linguagem (in)formal, “correta”, enquanto a linguagem do(a) participante de pesquisa pode ser considerada vulgar, ou melhor, trata-se da linguagem de rua, com abundante ocorrência de gíria e formas condenadas pela gramática normativa.

Esses elementos linguísticos e endereçamentos podem facilmente ser associados às identidades sociais dos interlocutores, distinguindo-os na hierarquia social que define quem tem poder e quem não tem.

#### **f) Discurso Direto e Indireto**

É muito frequente a presença do discurso direto e indireto na fala dos participantes, simulando um diálogo, na medida em que traz a voz do outro, contribuindo, assim, para a construção de envolvimento de ambos os interlocutores (TANNEN, 1994). Soa como um diálogo real no exato momento em que ocorre, como se o enunciador/falante fosse uma testemunha credível do evento. O efeito de sentido é, portanto, de confiabilidade do testemunho, o que concede ao falante poder com relação ao que está sendo narrado. Vejamos alguns excertos:

**Cícero:** e aí quando passou uns vinte dia o médico falou ó por que sua perna tá uma pra lá e outra pra cá? Tem que tá junto/ mas não consigo dói direito/ ele falou a:h/ tem que fazer uns exame aí// aí já tinha passado dez dia

**Bastião:** aí eu tava na casa boa e falei nã:o / voltá pra vida que eu tava? De apanhá direito? Com você batendo em mim? Ah: porque nós vamo mudar eu falei não não/ tô aqui também o rapaz tá me tratando direito/ o senhô pode ir com a sua mulhé pra onde o senhor quisé eu vou ficar aqui/ aí tá bom/ peguei os documento com ele que eu tinha [...] falei agora cada um vai pra sua [casa]/ o dia em que eu me formar ser alguém aí eu sei/ que o senhor vai / me procurar// às vezes eu até posso ajudar o senhô mas pra morá não / falei / che:ga Sofri demais na sua mão

**Roberto:** aí eles é tá aqui / entendeu? e o maquinista deu mais ou menos os detalhe de onde ouviu os grito né / mas ele não falou aonde que era / falou que é próximo aqui da ponte e tal / então eles pararam a viatura / você já pensou? / foi por deus né como que eles? nem sabia onde tava eles sabia ma:is ou me:nos

**P:** lógico / sim / o senhor não gritou de do:r?

**R:** é a mesma coisa que você escondê alguma coisa num lugar debaixo da terra uma coisa um objeto / e depois ‘cê ir lá muito tempo depois / ‘cê não lembra onde que era aquele lugar não

**P:** é verdade

Observem-se os segmentos: “ó por que sua perna tá uma pra lá e outra pra cá? Tem que tá junto” (...) “tem que fazê uns exame aí”, fala entrecortada por outra, de Cícero: “mas não consigo / dói direto”. Diálogo semelhante ao narrado por Bastião: “nã:o / voltá pra vida que eu tava? De apanhá direto? Com você batendo em mim?”, fala entrecortada pelo padrasto “Ah: porque nós vamo mudar”, a que Bastião retrucou: “não não / tô aqui também o rapaz tá me tratando direito/ o senhô pode ir com a sua mulhé pra onde o senhor quisé eu vou ficar aqui”. A veracidade do discurso direto impede inclusive que se questionem as frases ditas, embora se saiba que há aí uma dose maior ou menor de ficção.

O mesmo ocorre com o discurso indireto, embora neste as palavras sejam da escolha do falante e não daquele(a) que não se encontra presente. Vejamos as palavras de Roberto: “ele não falou aonde que era / falou que é próximo aqui da ponte e tal”. Toda a história narrada por Roberto se faz de detalhes impossíveis de serem recordados anos depois e depois de ter sofrido um atropelamento de trem. A reconstituição da história é claramente ficcional com base no desastre que sofreu, que deixou fortes sequelas em seu corpo: corpo que manca e que marca um pequeno texto escrito por ele – manuscrito – sobre sua vida, com vírgula depois de cada palavra, como se o ruído do seu andar que falhase manifestasse em seu texto, que é tessitura, tecido, corpo...

História que é verdade e é invenção: o modo como Roberto narra sua própria vida transforma-a num espécie de conto. Note-se que Roberto não presta atenção ao que diz o pesquisador (“o senhor não gritou de do:r?”): sua narração continua como se ele estivesse tomado pela história e não houvesse mais ninguém na sala. Ele procede como narrador, personagem e autor da história.

### **g) Polifonia ou Heterogeneidade**

Todo e qualquer dizer carrega a voz do outro, vozes outras que, consciente ou inconscientemente, constituem o dizer de cada um: não há palavras que não remetam a outras palavras, já pronunciadas, num contexto e num momento diferentes, combinadas a outras ou a parcelas de palavras, formando outras e assim indefinidamente. Entretanto, há formas de trazer o outro – alusões, provérbios, ditados populares, retomadas de frases moralizantes –, que remetem ao outro (definido ou genérico, como o povo de uma cidade ou país, os praticantes de uma seita ou religião). Para reconhecer como forma marcada da voz do outro, ou seja, como heterogeneidade mostrada, é preciso que o ouvinte ou o leitor reconheça essa voz que emerge e se faz presente. O dizer de alguns dos participantes de pesquisa estão eivados dessas marcas. Senão, vejamos.

Renato (ver abaixo) conta histórias (que podem ou não ser verdadeiras) de natureza moral, submetendo-se à voz do outro, que está fora dele (alienando-se, portanto). O que diz não parece combinar com ele ou melhor não parece sair dele, como algo que estaria integrado ao seu ser e se ex-põe (põe-se para fora), como parte do seu modo de agir e pensar. O que diz soa falso, como a voz de outro, que vem de fora. Em geral, suas narrativas envolvem acidentes, mortes, mas trazem sempre uma moral explícita, de fundo religioso. Não fala de si, mas de outro, com as palavras do outro, inteiramente alienado, ainda que narre na primeira pessoa do singular. Em suas narrativas, ouve-se frequentemente a voz da sociedade, do povo, da religião, através de provérbios, dizeres outros, como nos excertos seguintes:

**Renato:** Que a gente tem que dar a quem precisa de ajuda e infelizmente eu vi tantas pessoas dar o alpiste / mas eu acho que você tem que dar um certo / você não tem que dar a semente e se você só dá você estraga a pessoa

**Roberto:** você ma:rcou deixou alguns dado incerto/ mas exatamente o ponto assim / você fica meio perdido [...] a mesma coisa que achá uma palha / uma agulha debaixo do palheiro

Nesses excertos, reconhecem-se vozes sociais, ou melhor, populares, embora transformadas: Renato fala de alpiste ou de semente, tentando lembrar o ditado popular – não se deve dar o peixe, mas ensinar a pescar -, ao dizer que “você não tem que dar a semente e se você só dá você estraga a pessoa”. Semente remete também à parábola do Bom Semeador. No dizer de Roberto, a frase “uma palha / uma agulha debaixo do

palheiro” remete a uma parábola do Evangelho, segundo a qual é mais fácil encontrar uma agulha num palheiro do que um rico entrar no reino dos céus. Nos dois casos, percebe-se uma certa confusão: no primeiro caso, dar a semente remete à necessidade de ensinar a plantar (ou a pescar); no segundo caso, trata-se de encontrar uma agulha no palheiro e não “debaixo” do palheiro. Nos dois casos, os participantes deixam claro que se converteram a alguma religião, daí a presença de fragmentos do discurso religioso, ao lado de afirmações do tipo:

**Renato:** [...] eu comecei a frequentar uma igreja que é aqui perto no centro da cidade / um grupo de oração [...]

As palavras de outros (pessoas ou textos) constituem o que Authier-Revuz (1998) denomina heterogeneidade enunciativa, com base na teoria polifônica de Bakhtin-Voloshinov (1992).

As representações, que emergem da linguagem partilhada por grande parte dos que vivem em situação de rua, colaboram para a construção de uma identidade de grupo, que, evidentemente, ofusca uma identidade subjetiva frequentemente anulada pelos outros (cidadãos com domicílio fixo), que os discriminam. Tal discriminação interfere na auto-imagem dos participantes que, vulneráveis, se colocam à margem, sem relevância social. Um dos modos de continuarem a se contar num mundo em que se sentem anulados, talvez seja a presença de uma censura superegoica, que persiste e insiste, mantendo-os arraigados ao passado, aos hábitos e valores da sociedade hegemônica, que, por sua vez, os nega e os ignora. Esse vínculo com o passado, ao mesmo tempo em que lhes permite continuar a viver, complexifica o dia-a-dia daqueles que são denominados e se denominam “moradores de rua”, termo que une os opostos: morador e rua; afinal, a rua não pode ser uma moradia, pois não abriga, não protege das intempéries do tempo nem da vida, não traz aconchego nem para comer nem para dormir, não traz privacidade alguma, a não ser que a casa, a proteção, o aconchego habitem o imaginário e os sonhos do sujeito...

### **Concluindo...**

Em todas as narrativas analisadas das quais retiramos os excertos aqui apresentados, os chamados moradores de rua oscilam entre representações de si

otimistas e pessimistas; por vezes, se representam como pessoas que trabalham, que lutam, que são honestas, outras vezes, como vítimas da sociedade, da família, das drogas, do álcool, sentindo-se deprimidas, sem esperança, sós, completamente sós.

Essas são as principais representações de si, que constituem a identidade que é obviamente construída pelo outro, que, por sua vez, funciona com um espelho para eles (LACAN, 1949 [1977]). As representações do outro reveladas pelos participantes de pesquisa apontam para o seguinte: ora, eles são colaborativos, piedosos, ora, discriminam, excluem, apagam-nos. A bem da verdade, se não os apagam, veem-nos como anormais “in-corrigíveis”, que precisarim ser corrigidos, recuperados, para poderem retornar à sociedade e constituir cidadãos.

A análise da materialidade linguística das narrativas, como foi possível observar, indicia a posição subjetiva dos participantes como testemunhas não apenas de suas próprias vidas, mas da vida do outro, da violência inflingida aos moradores de rua pelos colegas, pela polícia e por outros cidadãos. Testemunhar implica falar na primeira pessoa sobre o que se acabou de ver - você e nenhum outro (de acordo com DERRIDA, 2001) - e ser digno de crédito, o que nem sempre (ou quase nunca) ocorre com nossos participantes de pesquisa. Não são dignos de crédito, porque seu dizer é desconsiderado: são viciados, vagabundos, sem valor porque são considerados pelos chamados “cidadãos de bem” sem valia.

Entretanto, assumimos os relatos que nos foram feitos como testemunhos de vida, que expõem, ainda que não intencionalmente, o modo como os participantes se veem e como representam o outro, seus sentimentos, segredos (im)possíveis de serem partilhados. Nessa medida, é possível falar de autobiografia, se por ela entendermos uma narrativa que é sempre ficção e realidade. E isso pudemos constatar, acredito eu, a partir dos excertos aqui trazidos.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AUGÉ, Marc: *Non-lieux*. Paris: Verso; 1995. *Não-lugares*. Campinas: Papyrus, 2007.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras Incertas: as não coincidências do dizer*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

BAKHTIN, Mikhail & VOLOSHINOV (1979) *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.

COSTA, Ana Maria Medeiros da. *A ficção do si mesmo*. Rio de Janeiro: Companhia de

Freud, 1988.

DERRIDA, Jacques. *Positions*. Paris: Editions de Minuit, 1972.

DERRIDA, Jacques. *Le Monolinguisme de l'Autre*. Paris: Gallimard, 1996.

DERRIDA, Jacques. *Demeure*. Paris: Seuil, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, Freud, Marx*. Paris: Minuit, 1965.

FOUCAULT, Michel. *Archéologie du Savoir*, Paris: Gallimard, 1969.

FOUCAULT, Michel. *L'Ordre du Discours*. Paris: Gallimard, 1971.

FOUCAULT, Michel. *Histoire de la Sexualité*, vol.1 (La volonté de Savoir). Paris: Gallimard, 1976.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Org. e trad.: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LACAN, Jacques (1949) The Mirror-Stage as Formative of the I as Revealed in Psychoanalytic Experience. Transl. by Alan Sheridan in *Écrits: a Selection*, W.W. Norton & Co., New York, 1977.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Trad.: Vera Ribeiro: Zahar Editores, 1998.

TANNEN, Deborah. *Gender and Discourse*. London: Oxford University Press, 1994.

